



TRIBUNA Livre

12
OUTUBRO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTONIO JOSÉ DA COSTA

CHEFE DA REDACÇÃO: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Composição, Impressão e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

A nobreza da vida rural

Por DOMINGOS M. DA SILVA

Passa-se uma colheita, um S. Miguel, ou um outono, como lhe queiram chamar, e volta-se mais uma página na história agrícola decada região, da luta passiva de muito ser humano, que numa guerra sem quartel nem capitão, cada um entregue a si mesmo e às suas opiniões, corre, volteja, anda à roda, vai à frente e torna atrás; fere, rasga, corta, sulca, levanta no ar e escabuja no chão, sempre a moirer, sai da peleja vitorioso ou vencido, encorajado ou exausto sempre nesta guerra incruenta; e vai de recuperar ânimo que o tempo não espera nem perdoa e logo a nova campanha se aproxima.

Há quem julgue, mas julgue muito mal, que a agricultura é a profissão que mais se acomoda ao indivíduo inculto por último recurso da ignorância das letras e dos algarismos, e então muito menos digna de todo aquele que já possui uma bagatela de conhecimentos... tristíssimo juízo do nos-

so tempo e de que ela, a primeira e mais nobre das artes, tanto tem verdadeiramente enfermado.

Dedicaram-se-lhe outrora as melhores atenções; e mais os tempos agora são outros, que a terra, por mal de nossos pecados, oferece cada vez maior resistência aos que se batem com ela pela vida.

Triunfou-se na agricultura, quando com a mesma rudimentar soma de conhecimentos se triunfava no comércio e na indústria.

O verdadeiro, digno e competente chefe de pequeno ou grande casal agrícola, em meio de tantos e tão variados problemas que se lhe deparam, em toda a ordem, desde a administração e fábrica à arrumação dos filhos, e obrigam-no a aguçar o mais que pode o entendimento, não pode nem deve ser um boçal ou leigo em seu ofício de magna responsabilidade.

Limitando estas breves con-
(Continua na 4.a página)

Associação Humanitária dos Bombeiros V. de Amares

PEDITÓRIO DO S. MIGUEL

Através de algumas notícias que têm sido dadas neste semanário, devem ter compreendido os leitores que esta velha Associação Humanitária está a passar por uma eficaz remodelação, com vista aos grandiosos festejos que se pretendem levar a efeito no Jubileu que se realizará brevemente.

Os empreendimentos previstos são de tal ordem, que só com a boa compreensão de todos os amarenses se poderão efectivar e necessário se torna desde já angariar fundos, por todas as formas, para cobrir as centenas de contos que será necessário dispendir com os programas de construções: Quartel, Casa dos Bombeiros e Cine Teatro.

Iniciaram-se já os primeiros peditórios e no próximo Domingo vão ser percorridas algumas freguesias deste concelho para o peditório de S. Miguel.

Quem não puder contribuir com dinheiro, dará géneros ou tudo aquilo que represente valor.

VIDA POR VIDA É O LEMA DO BOMBEIRO

Sempre pronto a socorrer-nos nos momentos mais aflitivos.

Para que o possam fazer precisam da ajuda de todos os amarenses!

Visita à nossa redacção do sr. Presidente da Câmara

Esteve na nossa redacção a apresentar cumprimentos e a agradecer as referências que lhe foram feitas o sr. Presidente do nosso Município.

Aqui lhe reiteramos as saudações e as referências feitas e o desejo de que a sua acção seja compreendida e ajudada de maneira a permitir que em breve o concelho inicie uma fase de progresso, quer pela acção oficial, quer pelo acarinhamento da iniciativa particular.

A Corporação da Lavoura e a agricultura Minhota

Pelo DR. MIGUEL DA CUNHA

No dia 3 de Setembro último, data do 24.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, foram publicados no «Diário do Governo» um decreto-lei e quatro decretos do mais alto alcance para o País.

Através dos referidos diplomas legais, foram instituídas as Federações de Casas do Povo e as primeiras Corporações, contando-se, entre estas, a da Lavoura. Considerando que a maior parte da população minhota vive mais ou menos ligadas às activida-

des agrícolas, o acontecimento sugere-nos alguns breves comentários.

Os terrenos do Minho são na quase totalidade de origem granítica e, portanto, ricos em potassa e deficientes em ácido fosfórico, cal e azoto. Sendo estes três últimos elementos indispensáveis, em determinadas percentagens, a um bom terreno, fica explicado o motivo por que, agrológicamente as terras do Minho se têm de classificar como po-

(Continua na 4.a página)

Figuras

que merecem o nosso respeito

Contemporaneamente, é o nosso concelho pobre de homens e figuras.

Sendo verdade crua com que realmente temos de concordar, isso não quer dizer no entanto que não haja uma ou outra figura que pelo seu talento, pelo seu nobre carácter, pela sua forte personalidade, pela sua oratória, deixe atrás de si qualquer coisa que merece o nosso respeito e a nossa admiração.

Não importa que a saúde e a idade tirem a esses seres privilegiados, a vitalidade que os impôs ao nosso respeito.

Que iríamos nós buscar aos seres imortais da humanidade, se só examinássemos o seu fim?

Grande parte das maiores figuras da humanidade se extinguíram esqacidas e despre-

(Continua na 3.a página)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

É terra muito fértil, de campos, veigas e varzeas que se dilatam até às margens do Cávado; de proprietários de bons casais com profundas tradições cristãs, de que saiu um bom escol de eclesiásticos que de presente lustram a Igreja Bracarense, no exercício do magistério nos seus estabelecimentos e desempenho de cargos e dignidades do respectivo Cabido.

Sem desprimor para qualquer outra, as terras mais recatadas dos centros e vias de comunicação e rotação, demonstra-o a experiência, que por mais preservadas da infiltração de elementos deletérios, prestam-se a um ambiente mais propício à manutenção dos bons costumes e da moral no seio das famílias, quanto é lastimosamente certo que muita gente só sabe tirar mau partido de facilidades e meios de progresso e civilização que foram criados e postos à disposição de todos; e este é um deplorável fenómeno da vida social dos nossos campos!

Subsistem felizmente no arquivo paroquial os «Capítulos das Visitas», em dois maços forrados a carneira, o 1.º com 145 meias folhas numeradas e rubricadas; o 2.º com 99, porém em branco a partir da 18.

Contém, impressas, pastorais dos arcebispos D. Gaspar e D. José e uma carta encíclica de Clemente XIV; e manuscritos os «capítulos das visitas» com instruções e recomendações aos Rev. mos párocos pelos visitantes de Entre-Homem e Cávado e Vale de Tamel, que para este efeito andavam juntos.

A abertura do 1.º maço é de 29 de Agosto de 1696; e a do 2.º de 25 de Maio de 1827.

Logo ao princípio deste estão exaradas duas portarias dimanadas do Paço das Necessidades, com datas de

(Continua na 6.a página)

A elevada função da Junta de Freguesia

ESTAMOS já em pleno período eleitoral e aproximam-se, portanto, as eleições das Juntas de Freguesia. Não é fora de propósito esclarecer a opinião pública sobre a elevada função destas, especialmente acerca das prerrogativas que a Lei lhes confere, mas que nem todos conhecem e, na maior parte dos casos, as próprias juntas não sabem aproveitar convenientemente, não duvidando até que, em grande número, os seus membros desconheçam as verdadeiras atribuições para que foram eleitos.

Por um retraimento pouco cívico ou por falta de visão dos eleitores, não vemos frequentemente ocupar, pelas pessoas de maior destaque da freguesia, os cargos da sua Junta, que, como a lei lhe chama, com toda a propriedade, é o «corpo administrativo paroquial».

A magistratura da Junta de-

ve ser honrada como tal, o que não vemos também fazer com a elevação que merece, nem ser compreendida assim por eleitores e eleitos, afigurando-se-lhes cargos banais.

A selecção que entendemos deveria ser feita neste corpo, administrativo, pela escolha dos seus elementos, poderia servir para candidatar os cidadãos a mais altos cargos administrativos da vida concelhia, inclusivamente, os de presidentes dos municípios, o que tudo seria fácil e cheio de lógica se fosse bem compreendida a função da Junta de Freguesia.

Sabemos pelos factos, que rarissimamente se tem dado a estes corpos administrativos o valor que merecem, e têm-se-lhes cerceado até muitos dos seus direitos e sobretudo não se lhes dá a grande ajuda de que necessitam para o bom desempenho das suas inúmeras funções, de alta importância

para o bem estar e saúde moral dos paroquianos.

Precisamente, por não serem organismos prósperos, em que a vida se torne fácil aos seus dirigentes, se têm visto afastar, os melhores valores, das funções administrativas que os regem e que lhe poderiam emprestar vida, aproveitando, senão os recursos, que são poucos, pelo menos as regalias que a lei lhes confere em matéria de assistência ou no fomento que podem prestar com a utilização de participações do Estado para muitos melhoramentos que estão sob a sua alçada.

Uma junta de freguesia com homens activos e bem competidos da sua função, poderia promover uma série de melhoramentos para que a lei lhe confere poderes, no aproveitamento de águas e na construção e reparação de fontes e

(Continua na 4.a página)

TRIBUNA CINEMATOGRAFICA

Júlio César (DE MANKIEWICZ),

TRAGÉDIA QUE REDIME O HOMEM

O leitor recorda-se da cena, no Senado Romano, em que a hoste conspiratória, incendiada por Cássio e orientada por Bruto, era vigiada pelo olhar silencioso e parado de Pompeu transformado em fauno de mármore.

A cena tem algo de digno, de majestoso, quase de místico diabolismo, de amoroso no fino trato de conjectura fatal, que não está nem se move por paixões humanas, mas parece verdadeiramente inspirada por um desígnio e eco da divindade louca. Sobressai partícula, em toda aquela cena, dum todo mitológico agoirente, que brilha e faísca nas lâminas de aço das vinte e três adagas.

Júlio César, crivado com fúria assassina, com riscos de sangue a sulcar-lhe o rosto, os membros e o corpo, olha, fita e encaminha-se para Júnio Bruto, que enrista a curta mas larga lâmina do seu punhal. Bruto dar-lhe-á o golpe fatal.

«Também tu, Bruto? Então só resta a César morrer!»

E Bruto deu a vigéssima terceira punhalada. E César caiu morto, enroscado aos pés de Pompeu.

O leitor recorda-se desta cena — o momento em que Bruto matou o ditador.

Pois bem. Para que o leitor não caia no erro de aspergir o corpo de César com lágrimas de perdão e sentimento, dir-lhe-ei que «antes do punhal de Bruto por fim, a ambição insensata de César custara a vida de cento e sessenta mil compatriotas seus — preço excessivamente alto para glória de qualquer homem».

Júlio César foi uma ave de rapina, um cancro de podridões e torpezas, um roedor faminto de carne, uma hérnia que gangrenou o corpo e o espírito de milhões e milhões de homens, em diversas partes do mundo.

O filme de Joseph Mankiewicz, como a obra de Shakespeare, não nos revela o Júlio César na sua atribulada passagem histórica, na sua vulcânica existência terrena, existência faminta de poder, de ambição. A obra do dramaturgo e poeta de Stratford-fou-Avon, como a arte genial de Mankiewicz, dá-nos apenas o florir, o desabrochar e o derrame da lava furiosa da tragédia, através de ricas e belas pinceladas que sulcam a tela humana de vigorosos, bem medidos e engrandecidos caracteres: as paixões, o drama, a tragédia dos homens que se chamaram Cássio — o espírito invejoso, o ruminante intelectual da morte de César — e Bruto — a inteligência eleita, o grau sublime da justiça, que Shakespeare enaltece como homem digno e honroso. Shakespeare exalta o homem — Bruto: «Este é um homem» — dirá mais tarde Marco António através da sua pena prodigiosa; o filme é a verdadeira cópia a químico da mensagem do Poeta, que Mankiewicz dignificou ainda mais com um filme portentoso e belo.

Júlio César ficou por isso esquecido, porque Júlio César tinha de morrer. Assim, a tragédia começa nos preparativos do seu assassinato.

Convém frizar que William Shakespeare não escreveu nem quis fazer uma obra histórica, e embora intitulada *Julio Caeser* não quer dizer que trate, como acima digo, do ditador romano, quer historicamente, quer humanamente: como militar e político, e como homem.

Este verdadeiro Júlio César conhecemo-lo nós, os que nos entretemos com a História e com os livros.

Como o mestre de *Hamlet*, todos têm à sua maneira uma maneira de estudar a História e de analisar e de concluir sobre os homens do ontem milenário. Por isso, acho-me no direito de falar e definir César da maneira como no princípio destas linhas o descrevo.

Quando Júlio César nasceu já Alexandre O Grande tinha morrido, Alexandre «o selvagem herdeiro de um trono bárbaro», rei da Macedónia, subjogador da Grécia, conquistador do Egipto e invasor da Pérsia, Júlio César nasceu pouco antes de Marco Aurélio, o das *Meditações*, morrer. Júlio César não conheceu Arquimedes, nem Aristóteles, nem Platão, nem Boccaccio, o filocolista, nem Confúcio, o exilado de Lu, o magistrado de Chungtu.

Mas quando Ivan o terrível nasceu, Ivan o conquistador de Kazan, o desaparecido de Moscovo, já Júlio César havia sido assassinado. Da mesma maneira já era

Lista de ouro da METRO

para a presente temporada

Vamos publicar nas nossas colunas alguns dos filmes produzidos pela Metro Goldwyn-Mayer, os quais fazem parte da lista de Ouro para a presente temporada de 1957-58:

Sublime Tenação, com Gary Cooper, dirigido por William Wyler, detentor da Palma de Ouro de Cannes do ano corrente.

A Águia voa ao sol, com John Wayne, dirigido por John Ford.

Chá e simpatia, com John Kerr, dirigido por Vincente Minnelli.

Miss Bá, com Jennifer Jones, dirigido por Sidney Franklin.

A Casa de Chá do Luar de Agosto, com Marlon Brando, dirigido por Daniel Mann.

A Vindima Trágica, com Mel Ferrer, dirigido por Jeffrey Hayden.

Esta Noite ou Nunca, com Jean Simmons, dirigido por Robert Wise.

Noel Langley

novelista teatrólogo e director de filmes

Quando a «Paramount» adquiriu os direitos sobre a novela de Mcrey Bernstein intitulada *The Search For Bridey Murphy*, a questão imediata passou a ser: **Quem poderá transformar essa extraordinária história num filme?**

Logo depois havia mais esta questão: **Quem será capaz de dirigir essa produção que conta uma experiência hipnótica realizada pela**

morto quando nasceu Napoleão, Henrique VIII, Mussolini, Hitler, Stalin. Em todas estas figuras há um pouco de Júlio César, o romano. O Júlio César, moço mas já ambicioso, que um dia se prostrou em adoração à estátua de Alexandre, em Gades, e disse chorando: «Como poderei conter as lágrimas ao pensar que Alexandre, com a minha idade, conquistara o Mundo, ao passo que eu até hoje ainda nada fiz digno de memórias!»

Tal qual, mais tarde, Hitler perante a mudez de Napoleão aos vincos lambidos pelo tempo, vincos que a arte imprimiu no granito. E ainda como Stalin em veneração e comunicação com o espírito de Lenine.

Mas Júlio César ganhou e alcançou a imortalidade! A que preço? Diversas penas e diversos nomes ilustres não-lo dizem. O suficiente para merecer a mordidela fatal da adaga de Bruto.

EXPRESSIVAS PALAVRAS

do actor LOUIS HAYWARD

Aprendi ultimamente uma grande lição. Para falar a verdade, foi nesse filme (*) mesmo que aprendi uma verdade. Sempre pensei que se tivesse que ficar na primeira linha da ribalta para não perder a popularidade. Essa era a regra de ouro antes da guerra, fiquem sabendo. Agora estou convencido de que, especialmente depois da televisão, dois ou três anos de descanso não fazem mal a ninguém. Se se estiver fazendo ao mesmo tempo televisão e cinema, o público, sem querer, cansa-se de um artista. Julgo os outros por mim. Fiz a série «O Lobo Solitário» em TV e não fiz um só filme em dois anos. Fiquei pensando que minha carreira cinematográfica estava terminada depois de uma ausência assim longa. Entretanto, enquanto trabalho neste filme, já fui contratado para fazer mais dois.

Recordando o passado, lembro-me de que o mesmo me aconteceu quando por cinco anos me alistei no corpo de fuzileiros navais. Ao ser desligado do serviço militar depois da guerra pensei que o melhor que tinha a fazer era procurar um emprego qualquer que não o de actor cinematográfico, talvez na produção da indústria. Julguei que fosse a televisão que me tivesse salvo, mas agora vejo que não é só isso. Quando há algum mérito no actor e desejo de trabalhar sempre há ocupação nessa nossa complexa profissão.

Tem havido casos, não há dúvida, nos quais um actor ou actriz têm ficado à margem da tela por cinco ou seis anos, depois experimentam voltar e fracassam. Em alguns, do meu conhecimento, a razão desse fracasso é que desejaram voltar no mesmo pé em que se encontravam ao deixar as suas carreiras. Naturalmente fica-se mais velho com o tempo, o que na minha opinião, torna as pessoas mais interessantes. Por exemplo: no filme que estou completando, um técnico de *makeup* queria apagar todas as rugas do meu rosto. Fui contra a sua ideia. Não sou rapazote de escola e o meu papel não era o de um mero jovem. Se deixei a televisão por alguns anos e voltei ao cinema, espero que todos vejam que tenho esses anos a mais registrados nos meus traços.

Louis Hayward

(*) Hayward refere-se à película «The Search For Bridey Murphy» de Noel Langley.

regressão a muitos anos atrás?

A natureza do enredo era tal que as dificuldades surgiam a cada página virada do livro.

Depois de muitas cogitações a escolha caiu no distinto teatrólogo e escritor NOEL LANGLEY, que a *Paramount* achou que era o mais capaz de enfrentar os problemas que a novela apresentava para o filme.

Com o auxílio de autoridades nos campos da religião, da psicologia e do hipnotismo médico, Noel Langley preparou o *script* e depois disso dirigiu o filme com Teresa Wright, que interpreta o papel de *Ruth Simons*, a jo-

vem do Colorado que regressou ao século XVIII sob hipnose a que se submeteu por intermédio dum hipnotista amador que, no filme, é Louis Hayward.

Quem é o nosso director de filmes de Hollywood?

Já o dissemos que era um dos mais competentes teatrólogos e escritores, mas ainda não dissemos que nasceu em Durban, Natal, na África do Sul, em Dezembro de 1911, e que se educou na Universidade de Natal e foi um óptimo jornalista.

Depois de passar dois anos em Londres, Noel Langley viajou para os Estados Unidos em 1936 e logo se tornou conhecido pelos seus *scripts* nos filmes *Maytime*, *O Feiticeiro de Oz* e *Florian*, películas que a *Metro* produziu de 1936 a 39.

Durante esse período escreveu três novelas, as quais causaram imenso sucesso. Langley escreveu também peças para teatro que foram encenadas na Broadway, e entre elas destacamos *Meu Filho Eduardo*, que conhecemos através do cinema.

Por ocasião do último conflito mundial, Langley serviu na Marinha do Canadá, ocupando o posto de Tenente.

Joaquim Monteiro (Jorge)

(Continua na 4.ª página)

TRIBUNA do CONCELHO

Figuras que merecem o nosso respeito

(Continuação da 1.ª página)

sadas, entre as quais se conta, o nosso «Camões».

O que conta é a obra realizada, e o que legou de ensinamentos aos vindouros.

Tem tido este jornal o cuidado de destacar e prestar homenagem a essas figuras. Assim o fez ao recordar a figura querida, bairrista e de nobre carácter que foi o falecido António Cruz, o nosso querido Arcipreste, o sr. Augusto José Machado, fundador da Associação dos Bombeiros, etc.

Cabe-lhe também, hoje, o grato dever de o fazer, mesmo em vida, com o objectivo de evitar abusos e falta de civismo, menosprezando uma dessas figuras contemporâneas.

Essa figura, é o sr. «Abade de Carrazedo».

Devemos tratá-lo assim, porque, não obstante muitos abades lhe terem de suceder em Carrazedo, é assim que há-de ser lembrado por muitos anos.

Perdoe-me o Senhor Abade se vou ferir a sua modéstia.

Figura das mais categorizadas do clero do nosso arciprestado, abade legítimo na hierarquia eclesiástica, orador inflamado que soube cantar em sermões e discursos eloquentes as glórias de Deus e as maravilhas deste «Jardim à beira mar plantado», pintar com a sua fantasia os nossos laranjais, prados verdejantes e as suas belezas paradisíacas, que tantas vezes cantando verdadeiros hinos à Pátria, com a

sua voz impetuosa e inflamada, lhe chamou *Pátria de heróis e de santos* e lembrando os seus homens *de um só rosto e duma só fé, e de antes quebrar do que torcer*, arrebatou multidões e assembleias, com a sua palavra quente.

Figura patriarcal, e sempre pronto a ajudar a todos.

Carácter íntegro e grande figura da monarquia, ele bem merece todo o nosso respeito e a nossa admiração.

A freguesia de Carrazedo, de tão nobres tradições, onde viveram e repousam ainda as figuras das mais destacadas da nossa história e das letras pátrias, não pode, nem deve, sob pena de cometer grave erro, consentir que essa figura veneranda não seja estimada e acarinhada como deve. Não há ninguém em Carrazedo que não tenha muito que lhe agradecer, e muito terão que chorar a sua falta.

Esquecer tudo isto, é ingratitude. Não sejamos ingratos.

Já li, e não me recordo onde, que a ingratitude do calvário teria sido bem paga pela humanidade se entre o braço de Deus e os homens não se tivesse entreposto Cristo, dizendo: Pai perdoai-lhes que não sabem o que fazem.

Até Cristo perante tal pecado, chegou a duvidar da clemência do Pai eterno.

Paulo Macedo

Agência Funerária

DE

Manuel da Cunha

Esta casa encarrega-se de todos os serviços fúnebres, bem como:

Ornamentações de igreja, tanto em luto como em gala, andores dos mais luxuosos, coroas, ramos para casamentos, ornamentações de cruzes e todos os serviços deste género.

Sempre grande depósito de luxuosas urnas.

No seu próprio interesse consulte esta casa em **Coucieiro—Vila Verde ou em Fiscal—Amares**

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos. No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila **snr. Manuel Gonçalves da Silva.**

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Concurso de Futebol «Leões da Modelar»

Após a 5.ª jornada do Nacional da I Divisão, a classificação dos nossos concorrentes ficou assim ordenada:

1.º António Martins	65 p.
2.º Manuel Pereira Janela	69 »
3.º João Alberto Gonçalves	72 »
4.º Manuel M. Fernandes	72 »
5.º Paulo R. B. de Macedo	73 »
6.º Abel da Silva Dias	74 »
7.º José Antunes da Silva	74 »
8.º José B. de Macedo	75 »
9.º Manuel Armindo Soares	75 »
10.º Abel José D. Antunes	76 »

Até à data, foi esta a jornada em que os concorrentes conseguiram menor número de pontos.

Temos a salientar os concorrentes João Alberto Gonçalves e José Antunes da Silva que acertaram em quatro resultados, conseguindo, assim, perder apenas 7 pontos.

Estes dois concorrentes encontravam-se, respectivamente, em 15.º e 21.º lugar, vendo-se agora classificados entre os dez primeiros.

O concorrente do 1.º primeiro lugar perdeu, em relação ao 2.º, 6 pontos de vantagem, facto que desperta o maior interesse, pois assim os restantes concorrentes tem maiores possibilidades de se classificarem em melhores condições.

Em surpresas, apenas podemos salientar a do desafio Sporting de Braga-Sporting de Portugal, em que os números foram além dos que todos previam e que não estão dentro do valor das duas equipas.

E assim, até à próxima jornada.

Vida elegante

Aniversários

No passado dia 11, o sr. Comendador Augusto Ferreira Arantes, do Rio de Janeiro.

Amanhã — O menino António Alberto Dias Monteiro e o sr. Manuel Dias de Magalhães.

Sábado — O sr. José da Costa Azevedo.

Passa, na próxima quarta-feira, dia 16 o aniversário natalício do sr. João Ferreira Ferradais, desta localidade.

Associando-se a esta faustosa data, o seu vizinho mais próximo envia-lhe sinceros parabéns e muitas felicidades na companhia de sua família.

Notícias pessoais

Partiu para Lisboa o sr. Conde da Figueira, pai do sr. Presidente da Câmara. O nosso desejo de boa viagem e muitas felicidades.

TELEFONES MAIS ÚTEIS DE AMARES

BOMBEIROS V. de Amares	62113
	62141
Câmara Municipal de Amares	62121
Casa de Saúde de Amares	62122
Correios (Amares)	16216
	65116
Delegação de Saúde	62145
	62127
Farmácias (Amares)	62124
	3863
	65121
Guarda Republicana — Amares	62115
Hospital S. Marcos — BRAGA	18
	62120
	62117
	3867
Postos Públicos (Amares)	65120
	7119
	3862
	7117

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

de ter de embarcar para a América do Norte em visita a um seu filho que ali se encontra há anos.

A Direcção da Banda, reconhecendo os altos méritos do sr. Maestro Ferreira Pais, e os serviços por ele prestados, convidou-o para assistir a um jantar de homenagem em sua honra, patenteando-lhe a sua gratidão.

Na mesma reunião ficou resolvido sancionar a nomeação do sr. Artur Teixeira Bastos, músico de 1.ª classe, do exército, compositor de mérito que conta já, no seu reportório, com várias rapsódias populares, marchas, etc; etc;

A Direcção da Banda de Vila Verde pode orgulhar-se com aquisição do sr. Artur Teixeira Bastos, como Director artístico da Banda, que a todos os títulos, foi de grande alcance, sabido como é certo ser este sr. um novo cheio de saber e um competentíssimo compositor que fará, disso temos a certeza, deste agrupamento artístico continuar a ser conhecido em todo o país e até no estrangeiro e a dar nome a Vila Verde, que antes nem conhecida era; mesmo que custe a muitos incrédulos, esta verdade é irrefutável.

Sociedade

Tivemos o prazer de cumprimentar o sr. Artur Teixeira Bastos, muito digno músico do exército de 1.ª classe que veio a esta Vila, tratar com a Direcção da Banda de assuntos que se prendem com a sua nova orientação, e de cuja direcção artística acaba de tomar posse.

Tribuna de Vila Verde, congratula-se com esta nomeação e endereça os seus parabéns à Direcção da Banda, por esta aquisição.

Novo assinante

Temos o prazer de inscrever como assinante do nosso jornal o sr. José Joaquim da Silva, grande e honesto comerciante nas Cabanas freguesia de Duas Igrejas-Vila Verde.

Vila Verde, 8-10-957 D.

NOEL LANGLEY

(Continuação da 1.ª página)

De 1645 a 1954 residiu em Londres, escrevendo e dirigindo filmes. Os mais recentes, dos quais é também coprodutor, foram *Pickwick Papers*, *Sadie* e *Svengali*, películas nossas conhecidas.

Noel Langley firmou-se definitivamente na América, espera naturalizar-se americano e reside, actualmente, em Beverly Hills, na Califórnia.

HUMORISMO

Anedotas

— Com que então crês na transmigração das almas?
— Creio, sim, a pés juntos; e a prova é que já fui burro.
— Burro, tu? e quando?
— Quando te emprestef aqueles duzentos mil reis, que não tornei mais a ver.

Calino fez-se farmacêutico. Um dia entra-lhe um homem do campo no estabelecimento e diz:
— Querias um remédio para o estômago.

— De que sofre?
— Não sei bem; sinto aqui uma coisa que sobe e desce, e que logo torna a subir...

Calino fica pensativo alguns minutos e no fim pergunta:
— Diga-me uma coisa: por acaso o senhor enguliria algum assessor?
* * *

Um sujeito passa por uma senhora, próximo duma casa em reparação.

A senhora faz notar, bastante comovida, a fragilidade do andaime em que trahalham dois operários, na altura do quinto andar.

— Isto não devia ser permitido! diz ela resolutamente.

Decerto que não! afirma ainda mais resolutamente o cavalheiro. É uma indignidade! Ora, imagine V. Ex.ª que um daqueles maltrapilhas nos cai sobre a cabeça.

Relojoaria Maurício Queiroz

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas.

R. D. Frei Caetano Brandão Telefone 2526 BRAGA

A nobreza da vida rural

(Continuação da 1.ª página)

siderações ao mimoso rincão concelhio, ter-se-á mais que atender a que a lavoura de Amares tem, como se sabe, grandes tradições fidalgas; é demasiado notório quanto por ela se interessou o clero, a nobreza e o povo, como daqui se lhe teceram hinos e poemas e levantaram encómios ao «bom lavrador».

A derrocada do que ainda sobrevivia das velhas instituições feudais, em «honras, coutos e senhorios», que na última metade do século passado sofreram golpe de misericórdia ao pleno triunfo do municipalismo, quebraram-se de todo esses laços e daí a decadência de tantos casais agrícolas que vogaram ao sabor da tormenta, de mão em mão até ao ultimo possuidor.

Para que de novo se reatassem, entrou em campo o «sistema corporativo», mas nem sempre o que parece salutar na teoria resulta eficaz na prática, ou porque os laços dilacerados demasiado se afastaram ou antes porque os homens não souberam integrar-se no espírito e na forma, no plano e na inteligência dos legisladores e reformadores, porquanto o grémio e o município, completando-se e reajustando-se, deviam forçosamente corresponder, sob o ponto de vista económico e social, a uma boa política de saneamento.

* * *

A prosperidade e o bem-estar geral da grande família humana sempre foi um bem comum; e, para tanto, os grandes proprietários interessavam-se em suas terras e senhorios pelo desenvolvimento da economia e da produção, dando exemplo e incitamento, lições e protecção.

Os mosteiros em seus coutos emprasavam e aforavam baldios; e por intermédio de um frade seu procurador, que os percorria, media, avaliava e calculava por alqueire de semeadura, vinham depois os povos à grade do locutório do convento e aí, o dom abade de dentro, acompanhado pela comunidade, e os lavradores da parte de fora, exaravam-se os actos e contractos e assim foi crescendo a terra arável e produtiva.

Hoje passa infelizmente a brávia o que os antepassados com tanto trabalho e sacrifício desbravaram.

Daquela modo verificaram-se acontecimentos e adotaram-se processos que jamais hão-de repetir-se, no entanto a sua utilidade e benefícios não podem esquecer-se.

Há que suprir a acção desses valores morais que desapareceram na voragem do tempo; que integrar-se cada um na função e missão perfeitas que lhe correspondem para conseguir-se um mundo melhor.

É preciso firmar à terra dos antepassados o homem e a mulher, instruídos na verdadeira escola de seus maiores e

dos graves deveres que lhe incumbem como continuadores e herdeiros de fundas tradições familiares; dissipar-lhes ilusões de que sabem bastante para conquistar o universo, quando tantas dificuldades e perigos se oferecem pelos caminhos do mundo.

Os abades seculares, que uma por uma vão lavando nas águas lustrais almas, se pudessem ler no livro de seus destinos! Depois vêem-nas desabrochar para a vida que as tenta com mil e umas seduções e carícias subtis, o vício, a embriaguês e o luxo, quando tão cedo começam, como a borboleta que adeja em torno da chaina, a queimar as asas do entendimento e do bom senso à roda de antros de jôgo e de vinho e se degradam à condição da bestialidade: raparigas, que entregues a si mesmas, ou o que é pior, a más companhias, pela boa-fé e ignorância dos pais, que as deixam levar a uma servidão por que trocam a vida sábia e decente de suas aldeias, para se captivarem do ambiente de uma liberdade pobre de escrúpulos, que num instante lhes corrompe a alma, e vem depois, sem vergonha, o triste e miserável fado consagrar a imoralidade e o escandalo:

«a sopeira de Famíliação já vai para o Negresco cejar.....»

Quem anda por esse mundo, observa, estuda e vê, não pode calar-se que não denuncie tanta mentira, tanto logro e tanto engano!

Sá de Miranda, o nosso grande poeta moralista, inspirado na «Vida da Egipcíaca Santa Maria» que pouco tem corria nas colunas deste semanário, porque as suas páginas o não tem comportado, já a seu tempo escrevia:

«O que for pastor de ovelhas deste modo racionais, feche-as bem em seus currais, depois não toça as ovelhas se permitir casos tais».

A Lavoura precisa de seus mentores e conselheiros; a «universidade» dos seus múltiplos problemas, a escala que váida germinação à maturação; das eiras e dos lugares às tulhas e celeiros, à alquimia das adegas e das destilações, numa «politécnica» variada e dispersa, exige homens formados pela prática e pela experiência ao menos sobre numa base de conhecimentos normais que o século vinte reclama e protesta.

Propague-se e defenda-se, faça-se a apologia do lavrador culto!

Valorize-se este solo, já de si rico de propriedades naturais, e os seus produtos que subtraem das entranhas da terra a seiva fecunda da sorte das qualidades terapêuticas que brotam espontâneas de suas fontes termas.

A apreciadíssima laranja, o precioso néctar de seus vinhos verdes, elixir misterioso de tan-

A ELEVADA FUNÇÃO DA JUNTA DA FREGUESIA

(Continuação da 1.ª página)

lavadouros, na construção ou alargamento de cemitérios, na construção e reparação de caminhos, na fundação de instituições de utilidade paroquial, de entre as quais citamos: cantinas escolares, postos de protecção à maternidade e à primeira infância, aulas de ginástica e colónias de férias, organização de postos de socorro e de muitas outras coisas referidas na lei ou que ela implicitamente reconheça.

As juntas podem intervir em quase toda a matéria de assistência, inclusivamente, na distribuição de socorros e na repressão da indigência estranha à freguesia; e só nesta última parte, que preciosos serviços poderiam prestar!

Evidentemente que às juntas faltam as receitas necessárias para promoverem muitas destas

coisas, mesmo uma boa maioria ou a quase totalidade das suas atribuições, mas, paralelamente aos recursos materiais, carecem igualmente de homens bem formados que lhes facilitem a vida.

Aos subsídios obrigatórios que as Câmaras lhes têm de dar, pode juntar-se-lhes as participações e, quando os recursos não cheguem, a derama justifica-se em muitos casos de manifesta utilidade para a freguesia ou parte da freguesia.

Em matéria de baldios as atribuições das juntas são bastante amplas e o seu aproveitamento possibilita-lhes bons rendimentos; podem também fazer interpretar, modificar e revogar posturas em alguns casos, propor expropriações por utilidade pública e execu-

A Corporação da lavoura e a agricultura no Minho

(Continuação da 1.ª página)

bres. Na verdade, a exuberância da vegetação local provém mais do clima, das águas e do extraordinário esforço do homem, do que propriamente da natureza do solo arável.

Não obstante o exposto, cumpre salientar que as terras minhotas se prestam perfeitamente a diversas culturas, como as cerealíferas (milho, centeio, trigo, cevada e aveia) a da vinha e ainda outras. A sua riqueza em forragens também é grande, o que assume importância capital para o desenvolvimento pecuário. O propósito recordemos que o Minho vendeu já muito gado bovino para a Inglaterra, tendo esse lucrativo comércio principiado a declinar cerca de 1884, ou seja, quando a América do Norte intensificou as suas exportações para a Europa. A economia da provincia não foi, porém, muito afectada, porque devido aos estragos da filoxera que então atacava as vinhas da França, da Espanha, da Itália e as nossas do Douro, a França passou a importar vinhos portugueses, entre eles o verde.

Os fenómenos económicos tiveram, até hoje, a profunda evolução de todos conhecida, mas nem por isso o Minho deixou de continuar a ser uma zona essencialmente agrícola. Tendo em conta esta circunstância e a de se tratar da provincia portuguesa com maior densidade de popula-

ção (168 habitantes por quilómetro quadrado) é fácil avaliar o significado que nelas assume tudo quanto respeita à Agricultura. Região de propriedade muito dividida e portanto de lavradores com rendimentos modestos, é natural tanto o nível de salários actualmente verificado, como a tendência para a população rural procurar outras actividades, quer no comércio e indústria locais, quer em Lisboa e Porto, quer mesmo no estrangeiro. O problema, muito complexo em si mesmo e na sua ligação com outros, não pode, evidentemente, ser resolvido com a facilidade que muitos julgam. Completada, porém, a organização do sector corporativo da Agricultura, abrem-se largas possibilidades à sua solução. De facto, às federações de Casas do Povo compete, além do mais, «tomar a iniciativa da construção de casas para os trabalhadores rurais ou da beneficiação das já existentes e cooperar na execução de providências que visem a mesma finalidade; e, entre as atribuições da Corporação da Lavoura, sobressaem as de promover a realização e o aperfeiçoamento das convenções colectivas de trabalho e de propor ao Governo normas sobre a disciplina das actividades agrícolas e dos seus mercados e promover «o aperfeiçoamento da técnica e o aumento da produtividade, e conseguir os preços e os salários mais favoráveis para a realização social».

Dando a exploração agrícola, graças à utilização de técnicas adequadas, a uma regulamentação de preços, à garantia de mercados e a outros meios, remuneração mais compensadora e, correlativamente, subindo o nível de vida dos trabalhadores rurais, realizar-se-á no Minho, uma obra da mais larga expressão. Neste aspecto, cabe um grande papel à Corporação da Lavoura.

tar empreitadas por administração directa.

Torna-se evidente a utilidade das juntas de freguesia no amparo e valorização das famílias que as elegem, e, precisamente por estarem em maior contacto com as necessidades locais deveria reservar-se-lhes mais amplo domínio no desempenho das suas funções e conceder-se-lhes os meios materiais indispensáveis para as levar a efeito: as Câmaras com a concessão de maiores subsídios e assistência técnica; o Estado com participações mais elevadas pelos Fundos de Desemprego e dos Melhoramentos Rurais, que dum maneira gera deveriam atingir 75% (quando pedidos pelas juntas), a exemplo do que já se faz para muitos outros casos.

A concessão directa de subsídios às juntas, levaria a uma melhor distribuição de benefícios e interessaria muito mais de perto as populações beneficiárias na sua execução.

Se as atribuições das juntas já são grandes, maiores ainda se deveriam tornar em matéria de melhoria do nível da vida rural e não vemos razão para que seja vedado às juntas de freguesia contrair empréstimos, amortizáveis pela consignação dos rendimentos de obras de fomento, que muito bem poderiam realizar por iniciativa própria, embora fiscalizadas pelas Câmaras Municipais como actualmente acontece.

Seria muito criterioso que, a par da assistência financeira, lhes concedesse o Município, obrigatoriamente, sempre que requisitada, toda a assistência técnica gratuita, sem quaisquer delongas burocráticas ou políticas.

Não vemos também motivo para que a Junta de Colonização Interna não colabore com elas estreitamente, na concessão de assistência financeira e técnica, em muitas obras de fomento agrícola que poderiam promover para uso colectivo dos paroquianos, tais como exploração de águas e construção de albufeiras destinadas a irrigação, aproveitamento de baldios, etc.

No plano de construção de casas de renda económica para trabalhadores, era justo que fosse reservado às juntas de freguesia uma boa quota parte no desempenho desta altruística manifestação social.

Emfim, diremos para concluir, que nada seria demais promover para valorizar estes organismos, os que mais directamente privam com as famílias, verdadeiras células do corpo social da Nação, em que Esta constitucionalmente se apoia e portanto deverá desejar bem robustas, e o Estado, pelo muito que o fortalecimento da Família lhe importa, deveria mostrar-se especialmente interessado numa vigorosa estruturação, não só moral mas também económica, daquilo a que pomposamente chama «corpo administrativo paroquial».

Dê-se às juntas de freguesia, efectivamente, esta função!

M. DA CUNHA

EME

D. da Silva

Bilhetes - Cartas de Angola

VI

Prezadíssimo
Pedro Lucas:

Há pessoas que tem um fraco muito grande e muito feio: gostam de intrigar.

Disseram-me que, contrariamente à condição que te impus e ao que me prometeste, tens dado a ler os meus bilhetes-cartas a toda a gente e não há ninguém que não seja sabedor da nossa correspondência íntima. A ser assim, andaria a nossa vida assoalhada, do que Deus nos livre.

Eu não acredito. E não acredito porque ainda te julgo capaz de manter a promessa que me fizeste sob palavra de honra se bem que, esta «Senhora» não faz corte a muitos cavalheiros, de as nossas cartas ficarem apenas entre nós, e, por isso, continuo a escrever-te, contando a minha «odisseia».

Deixei o meu amigo, Senhor «Inflexível» com a família, e, por minha vez, fui refugiar-me dum calor sufocante, numa asseada pensão, na Praça da Figueira onde me hospedei.

Nas horas livres passei pela cidade, visitei alguns lugares turísticos, e, como não podia deixar de ser, fui ao Jardim Zoológico. Admirei bichezas neste «presídio» como ainda não consegui avistar em Angola. Também não me passou despercebido, o hotel, a maternidade e o cemitério dos cães com epitáfios repassados de

profunda saudade e a ressumbrar muita... tristeza. Finalmente, ladeei a aldeia dos macacos com a adega do «Faustino». E a propósito, dois visitantes, ao repararem no pescoço descomunemente comprido das Girafas, comentavam deste modo: — E se nós — dizia um — tivéssemos assim um pescoço? Ao beber o vinho — que não tem espinhas — quando ele escorregasse por aqui abaixo (e fazia o gesto explicativo...), assim... a correr... até ao estômago, por causa do longo percurso, que prazer indizível não havíamos de saborear, não concordas?

— O pior era para o vomitarmos, quando fosse preciso — respondeu o outro.

A resposta, acertada e prudente, não obsteu a uma sonora risota. Por ventura não foi bem observado?...

E é assim a vida, meu caro! Uns encaram-na muito a sério, outros a rir, poucos a verter lágrimas e alguns a brincar. Quais são os mais previdentes?

Enquanto ficas a meditar na resposta subscrevo-me e peço apressadas as minhas saudações aos teus familiares. Para ti o abraço acostumado.

Boa-Fé, 6 de Outubro de 1957.

Gonzaga da Cruz

Bombeiros de Amares
Telefone, 62113

Sá de Miranda

"A Egipcíaca Santa Maria"

(Continuação)

O pai traz já em cuidado pelo estado em que a via, de dar estado a Maria, mas ella estava em estado que de tudo se desvia. E vendo a filha esquecida do que a Deus e seus pais deve, e com vida tão perdida porque vê que a vida he breve, deseja de lhe dar vida.

Sente d'alma e está vendo que nesta vida mortal. hirmos vivendo e morrendo e que a filha por seu mal, que vae pera mal crescendo. Não se fie hum peccador, na vida que estima e praza que vivendo a seu sabor he como hua vella acesa que se apaga no melhor.

Pais que têm filhos travessos e filhas, quero dizer, ponham freio a maus começos; por que depois vem a ser de honras, danos, excessos. Maria tomou tal brio que nada quiz admitir que lhe causasse fastio tendo em todos domínio, e a ninguem o consentir.

A mãe não se lhe dá d'isso enquanto a filha he pequena, o pai, como de mais siso, sente d'isso maior pena por não hir penar por isso. O pai, como pai, deseja que a filha aprenda mil artes, com que faça ao mundo inveja, e que n'ella o mundo veja fermosura e muitas partes.

Mas se a sua fermosura hade ser d'aquella sorte,

com tanta desenvoltura ter a ventura na morte terá por maior ventura, A filha que é ociosa não alegre nem recrea, e é-lhe já tão ociosa que já lhe parece feia se até agora fermosa.

Já não a trata e conversa mas antes lhe faz carranca, que vendo a filha adversa, quer ver se d'alma lhe arranca esta condição perversa. Pai que filha tanto amava já não lhe mostrava o rosto, e se o rosto lhe mostrava era com mui pouco gosto, por desgosto que lhe dava.

Quer o pai que a filha entenda que jamais vê-la pretende, e que emendar-se pretenda que Deus e elle se ofende se se defende da emenda. Como a idade já era pera se saber salvar, ou pera se conheceda, vê-la uma santa quisera, que isto se ha-de desejar.

Bem entende que he razão; mas sujeitar-se não quer, que he infernal ocasião, de hua mulher se perder não querer ter sujeição. E está sujeita a mil danos, a filha que em tenra idade não faz dos pais a vontade, porque depois com mais anos custa caro a liberdade.

(Continua)

Folhetim da "Tribuna Livre,, 41

SEMPRE NOIVOS

Por Porfirio de Sousa

(Recordações do Minho — Usos e costumes)

As malgas de vinho andavam de mão em mão e o canjirão, para manter aquele ritmo, foi diferentes vezes à adega abastecer-se.

— Eu faço os melhores votos, Maria Teresa, para que encontres no casamento a felicidade de que és digna e que desejas — disse-lhe a mãe do noivo.

— Obrigada, minha futura mãe!
— Crê que é a mais querida filha que o José me podia dar.
— Acredite, também, que lhe serei dedicada, como a uma segunda mãe, que vai ser.

— É esse um dos dias mais feliz da minha vida, Maria Teresa!
— Dia feliz para todos nós, para todos os das nossas famílias.
— A verdadeira felicidade só existe nos casamentos feitos de paixão e de amor.

— Como o nosso — o meu e o do José.
— Que tem a santificá-lo as bênçãos dos pais, de um e outro.
— O José, o meu noivo, antes de falar já me havia conquistado o coração!

— E tu, talvez, antes disso, já me povoavas o cérebro de lindos e constantes sonhos cor-de-rosa — afirmou o filho mais novo do Policarpo do Outeiro.

— Eu só tinha pena que tu não desses porque te amava — e no nosso tempo ainda não é permitido à mulher que se declare, abertamente, ao homem que lhe impressionou e conquistou o coração!

— Tinha receio... de que... te risses de mim... pois eras tida pela pequena mais trocista da região...

— Eu só receava que outro se intromettesse no nosso caminho...

— Mas tu, quando principiei a rondar o teu lugar, namoravas o Adelino Trancão.

— A ver se te despertava ciúmes, mas como nada conseguia, a breve trecho mandei passear...

— Vejam o que é falta de experiência nos homens de hoje — comentou, a rir, o tio Francisco.

Comigo o caso foi mais sério e... mais rápido!

Andava um tragalhadanças atrás da Albertina, mas eu, ousadamente, meti-me de permeio... e venci!

— Venceste porque eu gostei sempre de ti — disse-lhe a esposa.

— Lá isso é verdade, mas se não é o meu atrevimento ainda hoje o calmeirão te andaria a fazer rapapés...

— Pois eu e mais aqui a minha cara metade — informou o pai do José — namoravamo-nos quase desde crianças e tanto eu como ela nunca tivemos outro namoro.

— Eu já não posso dizer o mesmo — declarou o filho do meio, o Jacinto do Outeiro.

Parece que não houve rapariga do meu tempo que eu não namorasse.

— O que me enchia de ciúmes — obetemporou-lhe a mulher, a Maria Augusta — porque eu sempre gostei de ti, mas nunca o dei a conhecer.

— Mas gosei a mocidade, pagando-lhe todos os tributos.

— Que muitíssimas lágrimas me custaram — juntou a esposa.

— E tem razão, minha filha — concluiu a sogra.

Este meu filho bem cuidados me deu, pois era um galo que se afoitava a cantar em todas as capoeiras onde houvesse frangas novas.

— E até onde houvesse galinhas poedeiras, acrescentou a nora.

— Depois do casamento entrou nos eixos e hoje é um bom chefe de família — acentuou a mãe.

— É. E se ainda faz das suas, fá-las muito bem, pois nunca chegou ao meu conhecimento qualquer leviandade que praticasse, e num meio pequeno, como é o nosso, isso transpirava imediatamente — corroborou a Maria Augusta.

— Hoje tudo mudou de cenário:

Tenho uma encantadora mulher e dois adoráveis pimpolhos para quem só desejo trabalhar e viver!

— E não fazes mais do que o teu dever, meu filho — sentenciou a mãe.

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO

(Continuação da 1.ª página)

24 e 28 de Maio de 1834 e da mão do tristemente célebre ministro Joaquim António de Aguiar.

Armando-se em protector zeloso, a quem «a conservação da S.ta Religião Católica Romana merecia os maiores cuidados e desvellos» critica e, ameaçava o clero tanto secular como regular, de todas as hierarquias, pela activa participação que tomou contra a Carta, por ter-se alistado, fardado e pegado em armas a favor do Governo que chama da «usurpação».

Com efeito, bem depressa se demascarou e vibrou o mais terrível golpe que as Instituições eclesiásticas sofreram em Portugal.

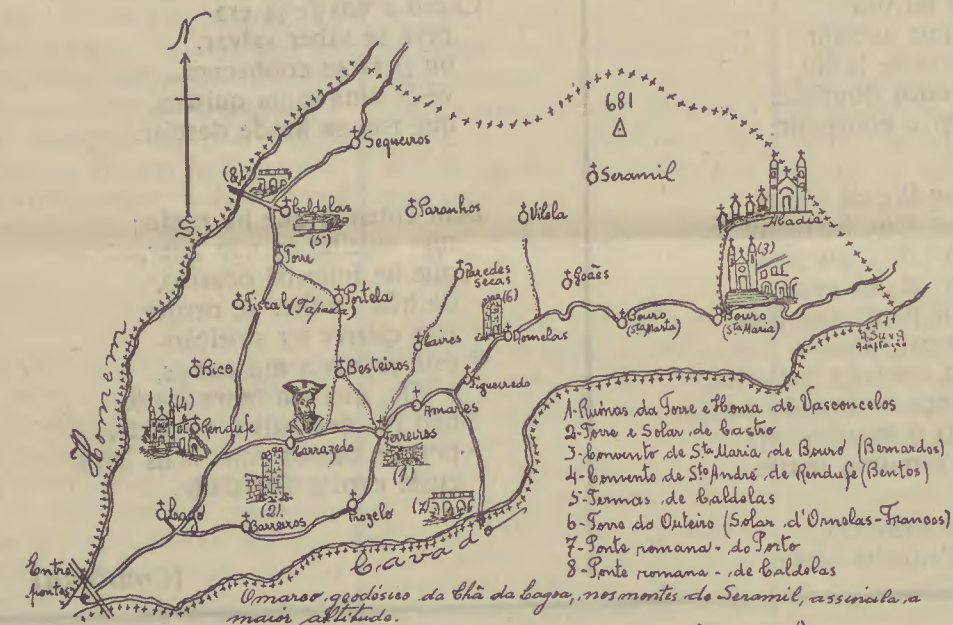
Os «Livros dos Capítulos» são o mais fiel e meticoloso repositório da historia local; porém sobre outras circunstâncias a falta de regularidade das visitas foi a principal razão do seu irremediável desaparecimento de quase todos os arquivos paroquiais.

Nestes livros de Barreiros também se encontra frequente menção da capela de N. S.ª das Angustias, com sentido à sua conservação e decência, donde se conclui que é muito antiga.

E' um tempozinho espaçoso e dispõe de côro, púlpito e sãcristia.

E' servida pela estrada municipal que vai do Paço de Lago à Feira Nova.

Das Inquirições de 1220: «De sancto Petro do Triana João Peres, abade, Soeiro Peres, Gonçalo Soares, Dom Domingos, Paio Peres, Pedro Anes, Paio Peres, jurados disseram que o Rei nenhum reguengo tinha aí... porque estava no couto de Rendufe».



Carta topográfica do concelho de Amares

Besteiros

Estende-se pelo sopé da encosta do monte de S. Pedro-fins, com esplêndidas vistas.

E' muito fértil de todos os cereais, vinho, azeite e de de todos os frutos, especialmente a soborosíssima laranja que tem grande fama.

Em 1706 tinha 56 vizinhos; em 1875 dava-se-lhe 95 por 355 habitantes; hoje conta 125 fogos com 630 almas.

Foi abadia da apresentação da mitra e o padroeiro é o milagroso S. Paio, advogado da agricultura.

Teve um bom passal e residência, que foram vendidos: de modo que não dispõe de quaisquer instalações para o pároco. Vive anexa à vizinha freguesia de Caires.

Tem os lugares da Igreja, Vila (foi Porúinha), Estrumadouro, Carvalho, Assamaça, Ouvim, Redondelo, Vinhadouro, Enxurreira, Souto, Cerdedo, Quinta Seca, Monte, Além, Barrio, Areal e Espinheira.

A matriz é muito antiga; exteriormente, na empena de nascente está a descoberto uma pedra, com inscrição ilegível, possivelmente Romana. Por alguns sinais que se percebem, parece estar de pernas para o ar.

Fora o altar-mor, tem seis altares laterais:

Obliquados nos ângulos com o arco-cruzeiro, do lado do Evangelho, o de N. Senhora das Dores e, fronteiro, o do Sagrado Coração de Jesus e de Maria.

Mais abaixo, metidos em arcos, da parede, o de S. Pedro de Rates e Santa Úrsula, com uma urna envidraçada, onde está o Senhor Morto. E' tradição que esteve lá primitivamente a imagem do Senhor da Cana Verde. Realmente tem no alto o seguinte versículo da paixão: *Bajulans sibi cruce*.

(Continua no próximo número)

Tribuna de VILA VERDE

A Ribeira do Neiva em festa

Realizou-se no passado dia 5 de Outubro, um grande cortejo de oferendas a favor da electrificação da Ribeira do Neiva deste concelho.

Festa grandiosa, de bairrismo bem próprio da gente do Minho, que acorre de todo o seu coração para tudo que seja desenvolvimento da sua terra.

Lá encontramos o dinâmico Rev. Padre Aloisio Avelino de Sousa, alma desta festa e espirito animador, dando ordens e dispondo as coisas para que o mais pequeno motivo tivesse luzimento e brilho.

No Angulo 40, encontrava-se instalada uma tribuna para receber as oferendas e ao lado, encontrava-se uma comissão, para receber os donativos em dinheiro.

Cerca das 15 horas começaram a chegar as oferendas das freguesias por ordem alfabética.

Azões — com 4 carros de madeira e 15 cestos de produtos agrícolas. Duas Igrejas, com 40 carros de madeiras diversas e 60 cestos de produtos agrícolas. A abrir o cortejo de Duas Igrejas, vimos um motivo cómico que causou hilariedade em toda a gente: um jerico todo enfeitado com uma nota de 1.000\$00, oferta do sr. José Joaquim da Silva, vulgo—o Silva das Cabanas. Sabiamos de antemão que o sr. Silva de Cabanas, tinha uma fértil imaginação, mas tão humorística, não. Parabéns.

Em seguida deu entrada a freguesia de Marrancos, com 16 carros de madeiras e 30 cestos de produtos agrícolas. Abria o cortejo uma moçoila trajando à moda do minho, empunhando um guarda-chuva, com uma cercadura de

notas variadas na importância de 2.100\$00.

Cabe a vez à freguesia de Goães, com um enorme arco a abrir o seu cortejo, seguido de um guarda-chuva com uma cercadura em notas do banco na importância de 2.150\$00, e um andor transportado por 4 graciosas raparigas, enfeitado com grande variedade de doce e carnes assadas que faziam crescer água na boca a qualquer ser vivente; seguido de 43 cestos de produtos agrícolas e 35 carros com madeira diversa e muito valiosa.

Em seguida deu entrada a freguesia da Portela — conhecida por Portela das Cabras— com 18 carros de madeira, 16 cestos, um guarda-chuva com várias notas do banco e ainda um carro organizado pela senhora Professora e alunos com a importância de 1.000\$00.

Por último deu entrada o cortejo da freguesia de Rio Mau, com 10 carros de madeira e 24 cestos com produtos agrícolas.

Tivemos conhecimento que além das várias importâncias em dinheiro recebidas foram entregues 10.000\$00 pelo grande benemérito sr. Manuel Braga, de Azões e 12.000\$00 por outro benemérito de Marrancos, cujo nome não conseguimos apurar.

Aos nossos olhos nunca foi podido ver, tão poucos darem tanto. Porque se julgue e até se diz, que a Ribeira de Penela é muito grande, o certo é que, este cortejo de oferendas circunscreveu se apenas as 6 freguesias, e na de Duas Igrejas, que é a maior de todas, não concorreram 10 lugares que devido à sua longevidade e por não poder de momento chegar até lá a electrificação não concorreram com os seus donativos.

Conhecemos toda aquela boa gente dos 10 referidos lugares e a plena certeza que se pudessem, não ficariam atrás dos outros lugares. Porém, como nem caminhos em

condições têm, há que lhes relevar essa falta.

Tudo correu como o Rev. Padre Aloisio tinha previsto, e o seu auxiliar sr. Avelino de Sousa Braga, farmacêutico no Angulo 40, foi um seu bom auxiliar e incansável obreiro.

No final do cortejo, o povo deu largas à sua alegria, ouvindo lindos descantes ao desafio, danças e ruggas que emprestaram àquele recinto um ar de festa bem minhota, onde não faltou o colorido dos trajes em todos os tons e onde se verificou a maior ordem e respeito em todas as pessoas.

Estão de parabéns o dinâmico filho da Ribeira do Neiva, Rev. Padre Aloisio Avelino de Sousa, o principal animador de tão grande obra, e o povo da Ribeira em geral, e em especial o «Pretor» principal desta obra, Ex.mo Senhor Dr. Francisco Prieto, que não se encontrava junto dos seus conterrâneos por estar retido no leito atacado de gripe.

Entre as pessoas de destaque que se encontravam na Tribuna de honra, tivemos o prazer de ver os srs. Presidente da Câmara, Dr. António dos Santos Ferreira, Monseñhor Mosquera, Dr. Freire de Andrade, os srs. vereadores da Câmara, Lopes e Barreto, Manuel Braga, de Azões, importante industrial no Porto, etc., etc.

Reunião da Banda Marcial

Sob a presidência do sr. dr. António Ribeiro Guimarães reuniu a Direcção da Banda Musical afim de tomar conhecimento do pedido de demissão, como Director Artístico da Banda, sr. Manuel Ferreira Pais, que durante alguns anos e com inteligência incontestável dirigiu este organismo.

O sr. Manuel Ferreira Pais, tomou esta atitude, em virtude (Continua na 4.ª página)

TIPOGRAFIA



PAPELARIA

Tel. 62113 AMARES

“David,, Cabeleireiro



Minhas Senhoras:

Este é o moderno salão que deve preferir.

Av. Marechal Gomes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

BRAGA

ENCADERNAÇÃO

DE

LIVROS
REVISTAS
DIÁRIOS DO GOVERNO

E

TODA A ESPECIE DE ENCADERNAÇÕES DE LUXO OU CORRENTES